

ANGYONE COSTA

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos
pintores, esculptores, architectos e
gravadores, sobre as artes plasticas
no Brasil)



Rio de Janeiro
PIMENTA DE MELLO & CIA.

1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>

Rodolpho
Chambelland



Rodolpho Chambelland no pateo interno da sua residencia

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

O professor Rodolpho Chambelland é uma exquisita sensibilidade que foge ao reclamo, não pleitea recompensas e teme a fascinação da gloria. Vive dentro da sua arte, trabalhando com uma grande honestidade e um forte desejo de fazer obra perfeita. E' um incontentado e essa ansia de perfeição leva-o senão a repudiar a não estar nunca no dia seguinte satisfeito com o trabalho acabado no dia anterior. Se lhe perguntarmos o que mais lhe agrada, na sua obra copiosa, nos dirá que coisa nenhuma.

Nada o contenta, e diz isto com sinceridade, com franqueza, sem "pose". E é preciso saber discernir o "poseur" do homem modesto. São qualidades que mais facilmente do que parecem se confundem.

O Sr. Rodolpho Chambelland não é o modesto vulgar. Elle é um desses homens interessantes cuja modestia é a resultante do reverso da vaidade. Nesse curioso artista ha uma constante força de vontade, latente, trabalhando para melhorar. Nos homens desse feitio não é possível procurar a modestia com as qualidades domiciliarias e bisonhas que lhe emprestamos. Ha, no seu todo, grande dóse de nobre e disfarçada vaidade, resultante da tina sensibilidade que o impossibilita de se contentar em ser o bom artista que é quando podia ter nascido Velasquez ou Miguel Angelo.

E' a fabulosa ambição do talento que lucha para fugir aos precalços da vulgaridade. Taes qualidades são typicas no Sr. Rodolpho Chambelland e dão-lhe uma physionomia singular, em nosso meio artistico. Fazem que o artista se abstenha de apparecer, não frequente os "salons", fuja de emittir parecer sobre coisas que, em seu lugar, outros gostariam de formular. Não sendo um misanthropo é, entretanto, um retrahido, que procura no conforto da sua intimidade realizar o doce milagre de viver bem, sorrindo para a vida.

Sente-se, porém, que é desses homens que devem ter poucos e escolhidos amigos, pelos quaes será, entretanto, capaz de grandes dedicações. Artista de organização muito trabalhada, peia sua permanente lucha intima, em torno dos seus ideaes, o professor Chambelland é um impressionista forte, cheio de sol, cheio de claridade, cheio de tons vivos, que reproduzem a natureza como ella deve ser vista, animada, colorida, na alegria pagã com que os nossos olhos de homem moderno a vêem. Não é mais possível sentir a natureza convencional do tempo em que se fazia a paysagem nos interiores domesticos. A vida actual é um poema interessante, de actividade, de energia, de luminosas ousadias, para o integral dominio do homem. E nesta concepção não é razoavel acceitar o pintor convencional, o pintor do bem acabado, o pintor do bem limado, porque o accesso deste seria a victoria da mediocridade, o grito de triumpho soltado pelo logar commum.

UMA VISITA MUITO
ANNUNCIADA E POUCO
DESEJADA

— E' ao professor Rodolpho Chambelland que tenho o prazer de falar?

Isto diziamos, defrontando o lindo "cottage" que o bom gosto utilitario desse artista edificou, para o seu encanto, na avenida Rio Comprido.

O pintor, que era elle, áquella hora matinal entregue á leitura de revistas, veiu, pessoalmente, abrir-nos o portão, com a physionomia meio trancada, de quem não recebia, com muito prazer, o intruso. Mas, foi-nos mandando entrar, abrindo a larga porta que dá accesso ao "living-room", onde nos afundámos em confortavel poltrona, enquanto lançavamos uma vista observadora, em redor. O compartimento onde nos achavamos é mobiliado com o bom gosto severo dos interiores britannicos. Nem um movel desnecessario, todos elegantes, trabalhados em madeira escura, como escuro, em tons alegres, é o tecido, em papel, que cobre parte das paredes. Alguns quadros, "bibelots", pequeno armario com livros, faianças, almofadas, compõem o aposento onde custosos tapetes abafam os passos.

— Poderá o professor explicar por que se fez artista?

— Porque desde creança senti vocação pela pintura, revelada nos menores detalhes da vida. Por exemplo, os brinquedos. Quando menino, preferi sempre riscar, desenhar uns cartões pontilhados, que então existiam, a entregar-me a qualquer outra distracção. A minha preferencia, por essa infantilidade, levou-me muito joven a frequentar as aulas do Lyceu de Artes e Officios, onde fui alumno do professor Delphim da Camara, velho mestre de desenho. Estudei alli, com muita difficuldade, porque era pobre, matriculando-me, mais tarde, na Escola de Bellas Artes, depois de ter feito concurso para a aula de modelo vivo, então regida por Zeferino da Costa. Alumno livre, com direito a frequentar todas as aulas, fui discipulo do professor Amoêdo, no curso de pintura. Aos 26 annos de idade, obtive o premio de viagem do "Salon", com o quadro Bacchantes em festa, transferindo-me a Paris, onde passei os dois annos do pensionato, frequentando exposições, procurando conhecer os bons mestres. Durante seis mezes, frequentei o "atelier" Julien. Tive contacto com diversos professores, sendo que o velho mestre João Paulo Laurens foi talvez o espirito que maior influencia exerceu sobre o meu, nesta época distante da minha vida.

— Demorou muito tempo na Europa?

— Apenas os dois annos de premiação, regressando ao Rio, minha terra, pois que sou carioca, nascido na antiga rua dos Ourives, desaparecida, em grande parte, com a abertura da Avenida Rio Branco.

— De quando data a sua entrada para a Escola de Bellas Artes?

— Do desaparecimento, por morte, de Zeferino da Costa. Vaga a cadeira do meu velho mestre, submetti-me a concurso, em 1916, ficando desde essa época, a meu cargo, o ensino de desenho de modelo vivo.

— Ainda voltou á Europa?

— Sim. Por occasião da Exposição Universal de Turim, em 1911, regresssei á Europa, incumbido da decoraçáo do pavilhão brasileiro. Estive pri-

meiramente em Paris, onde executei trabalhos, transferindo-me, depois, para a Italia, de onde regresssei ao Brasil.

— Tem exposto muito?

— Alguma coisa. Após o meu regresso da Europa, dei ao publico uma amostra dos quadros executados lá fóra, tendo mais tarde concorrido, algumas vezes, ao "salon" annual. Fui uma vez a Bello Horizonte, onde realizei uma exposição, convidado, com insistencia, por diversos amigos, não tendo, depois, sahido do Rio. Aqui tenho vivido e trabalhado, sem ir nem a S. Paulo, o que prova que o meio não é tão hostil ao artista...

A PINTURA VISTA ATRAVEZ DO TEMPERAMENTO DESTE MESTRE

— Qual o seu genero pictural?

— O impressionismo, que é um termo médio, na pintura. Não podemos nem devemos estar parados. A evolução tem de interessar á pintura. Já não é possivel ficarmos no bem acabado meticuloso de annos atraz. O pintor moderno precisa reproduzir o rythmo da vida, que é o movimento eterno. Para conseguil-o, tem de jogar com outros elementos, novas tonalidades, novas perspectivas. Não é possivel pintar a natureza dentro de paredes, apenas pelo que a nossa imaginação possa crear. Precisamos ver, sentir, ao contacto de arvores e aguas. O pintor moderno tem obrigação de dar vida á paysagem, ensolando-a, illuminando-a, fazendo-a vibrar.

— Julga, assim, indispensavel a modificação das escolas?

— Como não! Essa evolução é a propria arte que impõe. O verdadeiro artista é conduzido por uma força interior, que não pára, na ansia de produzir e crear melhor. Nós atravessamos, neste momento, um instante de transição. Todas as tentativas de arte futurista, que se geram, presentemente, são uteis elementos determinados pelo espirito novo. O cubismo é perfeitamente honesto. Os artistas que o fazem são dignos do maior acatamento, do maior respeito. E' um erro julgal-os exhibicionistas ou temperamentos dados ao escandalo, que fazem arte "pour épater". São artistas tão conscientes das suas responsabilidades como nós outros e representam uma phase de viva transicção, um pensamento actualizado, que não vencerá, nos moldes em que está sendo fundado, mas agitará, sacudirá, imprimirá novos rumos á arte de pintar. Dentro de alguns annos teremos alcancado, em pintura, uma nova etapa, e esta será, certamente, a resultante de todas as tendencias e tentativas actuaes.

— De sorte que o professor ama a arte moderna?

— Seria uma injustiça acreditar-me capaz do contrario. A arte que eu pinto, o impressionismo que o senhor vê alli, naquelle aspecto da Ilha da Boa Viagem, que parece ter-lhe chamado a attenção, protestaria contra o conceito. Procuo praticar a pintura moderna como o meu temperamento a sente e seria repudiar o meu trabalho, enfileirar-me entre os que combatem a pintura nova, como todas as tendencias novas, do espirito novo.

MESTRES QUE IMPRESSIONARAM CHAMBELLAND

— E os classicos, professor?

— São muitos os modelos eternos que se fixaram na minha retina e dominaram a minha visão. Guardo impressões immorredouras da minha phase inicial, do conhecimento directo dos grandes reformadores da pintura, em todos os tempos. Dos antigos, impressionaram-me, vivamente, os Velasquez, pela sua carnação, os Boticcelli, pela diaphaneidade e translucidez das suas telas, outros, tantos outros.

— Como particularidade de genero pictural, professor?

— No retrato, Wandyck; como decorador, o moderno Puvis de Chavannes, das formidaveis composições ornamentaes da Sorbonne. De resto, todos os grandes pintores, da Renascença á época moderna, têm o que admirar. O que não agrada num é compensado, muitas vezes, pelas qualidades contrarias, que se obtêm no outro, da mesma época e escola. Ha sempre o que aprender, são muito interessantes, por qualquer aspecto que os procuremos observar.

OPINIÕES DE RODOLPHO CHAMBELLAND SOBRE A OR- GANIZAÇÃO DA NOSSA ESCOLA

— Relativamente á organização da Escola de Bellas Artes, quaes são os pontos que, no conceito do mestre, devem ser modificados?

— Poucos. Mas sempre ha alguns, isto quanto á parte rigorosamente technica. Reconheço a necessidade da criação de uma cadeira de arte decorativa e, bem assim, a de composição, que deve, entretanto, ficar entregue ao mesmo professor da cadeira de pintura. Pelo numero de alumnos, que cresce todos os annos, justifica-se a medida apontada, ficando a cadeira de composição a cargo do mesmo professor de pintura, afim de que não haja solução de continuidade na orientação que deve presidir o ensino.

— E a organização do jury, do "salon" annual, não será susceptivel de modificações?

— Penso que não, visto ser muito restricta a sua acção, nos moldes do programma actual. O jury é composto de cinco membros, sendo tres professores da Escola, um dos quaes só tem o voto de qualidade. Mas o jury não é poder soberano, apenas indica, aponta o que lhe parece melhor, cabendo ao Conselho Superior de Bellas Artes a responsabilidade da escolha. Este sim, o Conselho, é que deve ser modificado. Na minha opinião, os seus membros não deviam ser senão technicos, pintores, esculptores, architectos, gravadores. Os membros de honra geralmente pouco se interessam pela vida das artes, não vão á Escola, não comparecem a nenhuma sessão do Conselho. Este, para maior efficiencia e perfeita actuação, devia ampliar-se, receber outros artistas, que não façam parte da Escola e que revelem grande merecimento. Julgo, por conseguinte, que o numero dos seus membros devia ser illimitado ou, então, no caso de soffrer um limite, que este fosse amplo,

jámais embarçasse a aquisição de quantos estivessem em condições de lhe prestar serviços. Penso assim, no interesse dos artistas, dos expositores, da propria arte, em geral. Com essa organização, que preconizo, as responsabilidades de julgamento seriam distribuidas melhor e menores seriam os dissabores quando uma resolução não agradasse a determinado numero de expositores.

— Relativamente ao Museu de Bellas Artes, professor, que nos pôde dizer, dada a organização que lhe conservam?

— Isto, sim. Acho que prestariam um serviço á Escola, collocando-se o Museu em outro edificio. Escola é instituição muito differente de Museu, que deve ser coisa aparte, com sua organização propria, seu director, seus funcionarios, sua verba de aquisições e, sobretudo, o seu criterio differente do criterio actual, em que, as mais das vezes, pela força da propria organização, os interesses se chocam. Uma direcção que separasse as duas instituições, teria prestado um magnifico serviço ao ensino, concorrendo para maiores facilidades da diffusão das artes plasticas no paiz.

AS RECOMPENSAS DA ESCOLA

— Tem-se notado que o professor não é concorrente assiduo ás exposições annuaes. Haverá uma determinante para o facto ou será méra acção do acaso?

— Não deixa de ser razoavel a observação e vou explicar o que na mesma lhe parece extranho. Como é facil verificar, o numero limitado de professores technicos, na Escola, obriga-os muitas vezes a fazer parte dos jurys e eu não me sinto bem concorrendo a uma prova de que sou julgador, embora não tenha de ser ouvido sobre os meus trabalhos. Nesta minha confissão não vae nenhuma censura aos meus dignos collegas, cujos sentimentos respeito, mas sim a maneira pessoal do meu feitio, exquisito e irreductivel, em muita coisa. O meu nome, incluído entre as commissões julgadoras da Escola, só me tem trazido prejuizos, aborrecimentos, descontentamentos. No minimo, fico na sombra, mas, mesmo assim, não me forro a dissabores e incommodos. Lembra-se, por ventura, do salão do Centenario? Foi um dos melhores que tivemos. Bôa organização, muitos quadros expostos, bons trabalhos reunidos. Por infelicidade, fiz parte da commissão julgadora e tive de premiar trabalhos, isto é, autorizar a aquisição de quadros para as galerias da Escola. Optei pela compra de um Baptista da Costa, um Pedro Alexandrino, um Corrêa Lima. Como vê, estão ahi dois professores da Escola e este facto, que ainda hoje se reproduziria, se as circumstancias se repetissem, valeu-me serios dissabores, difficeis de perdoar e esquecer. Realmente, senti ter de premiar dois collegas, pois que lá fóra não faltaria quem não attribuisse a outros intuitos o julgamento, mas, dentre os trabalhos expostos, em boa consciencia, a minha conducta não podia ser differente.

Por essas razões e outras muito delicadas de que o facto citado pôde servir de illação, é que nem sempre concorro com os meus quadros, para as reuniões annuaes...

— Dos seus quadros, professor, qual o que mais lhe agrada, pelo qual sente maior sympathia?

— Na verdade, por nenhum. Nenhum me agrada, todos, depois de promptos, deixam-me insatisfeito, no desejo de produzir melhor e na tristeza de ainda não ter attingido aquillo que procuro realizar. Emquanto estou com um quadro em preparo elle me agrada, mas logo que o concluo sinto-o vazio, sem aquella chamma de perfeição creadora, que desejaria attingir. E' uma tortura infinita.

— Mas, fale-nos de alguns dos seus trabalhos, dizendo onde se encontram e o assumpto que versam...

— Isto é mais facil. Simples nomenclatura. Posso lembrar, na Escola de Bellas Artes, La dame au bois e Baile á fantasia, no Conselho Municipal, o vitral e as decorações do salão de honra, no Palacio das Festas, da Exposição do Centenario, o "plafond", na Camara dos Deputados, os paineis decorativos da grande cupola central, no salão das sessões. Tenho alguns quadros fóra daqui, quasi todos adquiridos por particulares.

— E dos premios da Escola, professor, nunca pleiteou nenhum?

— A pequena medalha de ouro, antes de ser professor da Escola. Obtive-a com o Baile á fantasia. Tambem a medalha de prata me foi conferida com o quadro Noite de espectáculo. Outros premios não os tenho. Explica-se. Cedo professor da Escola, jámais me propuz pleiteal-os. E isto pelas razões que expuz.

— E agora, professor, que pensa fazer?

— Agora não penso nada. Estou repousando, do grande esforço que produzi para entregar, em prazo limitado, a encommenda da Camara. Fiquei exausto, com o aparelho nervoso agitado. Necessito conceder-me descanso, e é o que faço. Ha mais de um mez não entro no "atelier". Fico nas outras peças da casa, fugindo a tudo que desperte idéa e lembrança de trabalho.

— Mas, professor, o dia já vae tarde...

— Nem por isso. Deu-nos tanto prazer... Venha-nos ver de novo e acredite que a primeira impressão passou...

— Felizmente, para mim.

— Para nós, que nos ficamos conhecendo e querendo bem.

E, num aperto de mão, amavel, separamo-nos, trazido, até ao portão, por onde entramos sob o olhar desconfiado do dono da casa, pelo mesmo pintor Chambelland, já agora accessivel, alegre, maneiroso...